

da possibilidade de o poeta, através do trabalho da linguagem e da sua infinita capacidade de gerar figuras e sentidos polissémicos, instaurar um espaço simbólico partilhável — o do poema — que poderá, sem dúvida, proporcionar formas alternativas de conhecimento.

Regressando, por último, ao problema da «*dificuldade* da poesia», formulado pela primeira vez há sessenta anos, Fernando Guimarães admite que «o leitor que podia ter dificuldade em ler passa a ter de ler a dificuldade enquanto tal» (112). Perguntar-se-á então se, num momento em que o Pós-Modernismo já poderá estar ultrapassado e impera a pós-verdade, essa ‘dificuldade’ encontrará enfim o *lugar* e o *tempo* próprios para ser acolhida.

**Maria João Reynaud**

#### NOTAS

\* Fernando Guimarães, *O Homem, o Sagrado e a Arte*, Porto, Universidade Católica Editora, 2017.

<sup>1</sup> Fernando Guimarães, *O Problema da Expressão Poética*, Edições Eros, 1959, p. 7.

<sup>2</sup> Idem, *História do Pensamento Estético em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 2009, p. 9.

<sup>3</sup> Cf. Fernando Guimarães, «Sistema, Cultura e Poesia»: *Conhecimento e Poesia*, Porto, Oficina Musical, 1992, p. 37-50.

<sup>4</sup> Arthur Rimbaud, «Lettre à Paul Demeny», *Œuvres Complètes*, Paris, Gallimard, 1972, p. 251-52.

#### **JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, ERRANTE DA PALAVRA**

O texto não foi incluído na presente antologia\*. Ficou de fora, como muitos outros, mas é essencial para entendermos os compromissos que nortearam a escrita de José Augusto Mourão (1947-2011), frade dominicano, professor de semiótica e hiperficção. Foi escrito para apresentar um livro de sermões, *A Palavra e o Espelho*<sup>1</sup>, e mais tarde publicado como introdução a uma coletânea de homilias, *Luz Desarmada*<sup>2</sup>. Nele lemos:

As palavras querem-se de passagem, encarnação. O espelho, a imagem, desencarna. Só me comprometo com palavras que refaçam [o] oblíquo da vida, a transfiguração das circunstâncias, o sopro. Eu creio que a palavra opera através da graça do sopro que transfigura e sob o signo da travessia. Ao contrário do espelho.<sup>3</sup>

A escrita de José Augusto Mourão é uma imagem tão refletida como irradiada dele. Não um reflexo semelhante àquele que é devolvido por um espelho, sob o risco do fechamento, da imutabilidade, do

solipsismo. É a marca de um viver. Bem-aventurado é o texto, campo aberto da bem-aventurança, porque «nós existimos, nós perseveramos no que somos a partir da palavra e do desejo do outro. Viver é articular-se, aprender a ser afectado pelos outros»<sup>4</sup>. Escrever era para ele encontrar a respiração através das palavras no embalo do sopro, lidar com a impermanência do mundo, habitá-la. A sede intensa da palavra tornou-o num errante da palavra. Por isso, depois do seu falecimento a 5 de maio de 2011, os ensaios, os poemas e os sermões que nos legou continuam a interpelar-nos, mantendo a sua profundidade profética. Como nota José Tolentino Mendonça, «é um lugar profético a margem de onde [ele] nos fala»<sup>5</sup>. A partir deste lugar, que não admite ser mapeado, Mourão fez um percurso guiado por uma procura incessante do encontro e da interlocução.

O importante e cuidado volume recentemente dado a lume é um chamariz para a extensa obra publicada em vida por José Augusto Mourão. Nesse conjunto de publicações destacam-se várias monografias: *Teatro e Pedagogia da Fé em Anchieta* (1981), *A Visão de Túndalo: Da Fornalha de Ferro à Cidade de Deus (em torno da Semiótica das Visões)* (1988), *Sujeito, Paixão e Discurso: Trabalhos de Jesus* (1996), *A Sedução do Real: Literatura e Semiótica* (1998), *Ficção Interactiva: Para uma Poética do Hipertexto* (2001), *O Fulgor é Móvel: Em torno da Obra de Maria Gabriela Llansol* (2003), *O Mundo e os Modos da Comunicação* (2005), *Textualidade Electrónica: Literatura e Hiperficção* (2009), e *Chão de Signos* (2011). A sua colaboração com a colega Maria Augusta Babo deu origem ao livro *Semiótica: Genealogias e Cartografias* (2007) e a um número da *Revista de Comunicação e Linguagens* sobre escrita, memória e arquivo em 2009. A poesia litúrgica que compôs foi divulgada em forma impressa pelo Convento de São Domingos em Lisboa, a sua casa desde 2008. A sua poesia não litúrgica, mas maioritariamente religiosa, pode ser lida em *Vazio Verde (O Nome)* (1985), *Dizer Deus ao (Des)Abrigo do Nome* (1991), e *O Nome e a Forma: Poesia Reunida* (2009). Alguns dos sermões que preparou e pregou foram coligidos em *A Palavra e o Espelho* (2000), *Luz Desarmada* (2006), e *Quem Vigia o Vento não Semeia* (2011). As suas publicações incluem ainda obras de referência produzidas em equipa como o *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições afins em Portugal* (2010, com José Eduardo Franco e Ana Cristina da Costa Gomes). Por último, refira-se o seu trabalho como tradutor, por exemplo, de Angelus Silesius (*A Rosa É sem Porquê* em 1991), Jerónimo Savorarola (*A Função da Poesia* em 1993), Marcel Proust (*Sobre a Leitura* em 1992), e William Burroughs (*A Revolução Electrónica* em 1994). Os muitos projetos que desenvolveu na internet evidenciam que os meios eletrónicos eram para ele, simultaneamente, objeto de estudo e ferramenta de trabalho e disseminação.

O prefácio de Moisés de Lemos Martins para a *Obra Seleta* define a singularidade de José Augusto Mourão: «trata-se de um textualista que desconfia e resiste à palavra ‘experiência.’ A sua intempestividade [...] é sempre mediada pelo texto e pela escrita» (21). Mourão era um moderno, um crítico, um pensador com uma racionalidade forte, um escritor que expressava a convicção de que «num mundo em que tudo se equivalesse, nada teria sentido, tudo seria insignificante» (21). Tal como Óscar Lopes em 1986, também José Augusto Mourão poderia ter dito que, ao certo, não sabia o que o(s) sentido(s) fosse(m), mas procurou fazer sentido com as suas circunstâncias e os seus interlocutores, cooperantes ou não<sup>6</sup>.

Comecei pelo exterior à antologia porque é o mais adequado neste caso. José Augusto Mourão buscava sempre o exterior, o diferente, o outro, para escrever, para pensar, para criar. Mas mergulhemos agora neste enorme livro de 1592 páginas, desmedido na riqueza do seu conteúdo e no seu potencial de descoberta. A primeira coisa que salta à vista é a cuidadosa organização dos escritos pelo coordenador, José Eduardo Franco, que origina também relações fecundas entre exterior e interior. Salta à vista, porque este (des)dobramento no interior está inscrito desde logo no título completo grafado na capa: «O Vento e o Fogo», «A Palavra e o Sopro», e «O Espelho e o Eco». Estas três partes (des)dobram-se noutras até chegarmos a cada um dos textos, onde a intertextualidade e a interdisciplinaridade geram novas multiplicações e sugerem outros cruzamentos, num desenvolvimento contínuo. «O Vento e o Fogo» foca-se nos estudos semióticos. Em «A Palavra e o Sopro» convergem aspetos do texto, contexto e hipertexto. Finalmente, «O Espelho e o Eco» centra-se na religião e espiritualidade. Mas este último campo permeia os dois primeiros, que evitam uma abordagem confessional. Aqui se joga uma dimensão fundamental da obra de José Augusto Mourão: o *ser religioso* que faz com que, na sua escrita, a religião não se possa circunscrever, mas seja abordada a partir de diversas perspetivas. A religião corresponde, não apenas mas sobretudo, ao cristianismo, cujo legado escritural e cultural, teológico e filosófico oferece um impulso para escrever, quer entendamos a Bíblia apenas como literatura, quer também como Palavra de Deus. A interpretação é sempre situada historicamente, seja ela produzida a partir de metodologias de análise semiótica, seja ela elaborada à luz da fé, tal como o autor explicita em *Sujeito, Paixão e Discurso*:

Desde o começo, a fé cristã manteve com a história uma relação íntima; a fé é lembrança, *anamnese*. A consequência é que a hermenêutica cristã, por definição, é histórica, aplicada ao presente do leitor. O problema de fundo da leitura é o da temporalidade e do devir do sujeito. [...]

O presente real não reitera o passado, mas relê-o de maneira criadora. O texto remete para o texto da vida, em que a vida é vista como texto ou palimpsesto, intertexto. É aí que se faz a intersecção do momento do texto e do momento do leitor. Momento decisivo e indeciso o da leitura do texto: patamar de um visível (que o mostra) e de um invisível.<sup>7</sup>

O fluxo entre texto e legente, texto e vida, é uma forma de construir a comunicação como transformação, de demonstrar a sua possibilidade, em vez de mera justaposição de discursos ou manta de retalhos. Essa forma crítica e dialógica é comum nos trabalhos de outros estudiosos da obra fragmentária de Maria Gabriela Llansol, como Manuel Gusmão, influenciados por Mikhail Bakhtin<sup>8</sup> para desvendar e explorar «a consciência pensante do homem e o campo dialógico do ser dessa consciência, em toda sua profundidade e especificidade»<sup>9</sup>. Não admira que a vida de José Augusto Mourão, dividida entre o mundo dominicano e o mundo universitário, tenha posto em contacto esses dois mundos sem nunca os confundir.

O desenvolvimento da sua consciência pensante foi marcado pela história política e social de Portugal, particularmente durante o período fascista e colonialista. Enquanto estudante de teologia foi influenciado por dois frades dominicanos franceses que foram decisivos no Concílio Vaticano II: Marie-Dominique Chenu e Yves Congar. José Augusto Mourão dizia dever-lhes a atenção à história, à subjetividade e à verdade. Ainda não tinha terminado o curso quando foi expulso do Seminário de Vila Real pelo bispo dessa diocese e convidado a ir para Moçambique por D. Manuel Vieira Pinto, bispo de Nampula. Ficou apenas dois anos, entre 1970 e 1972, até ser intimado pela PIDE-DGS a regressar a Portugal. A propósito do período na cidade portuária de Nacala, falava sobre os «homens arrebanhados pelas aldeias de várias regiões, forçados a trabalhar durante seis meses» e que «havia queixas soltas de maus tratos infligidos pelos capatazes brancos sobre aqueles trabalhadores, em situação real de escravatura», concluindo que «nunca teve papas na língua para denunciar, sempre que podia, essas situações» (1580). O uso da palavra para tomar posição colocou a política política no seu encaço, situação agravada pelos livros de Karl Marx e Mao Tsé-Tung que encontraram no seu quarto e que lhe tinham sido emprestados por um capitão da marinha. Se a sua consciência política vinha de trás, de Vila Real, foi em Moçambique que ela amadureceu, porque «era impossível uma pessoa não se revoltar» (*ibid.*).

Uma nota final, na qual o eu de quem escreve aparece, como apareceu em muitos textos assinados por Mourão, revelando a natureza pessoal da escrita. José Augusto Mourão marcou o meu percurso de vida, e terá certamente marcado o de outras pessoas que depois da

sua morte imediatamente escreveram sobre o que dele ficou com elas. Marcou-me como dominicano. A sua presença ativa não se limitava às celebrações e iniciativas da comunidade conventual, mas prolongava-se às atividades de leigos que o convento acolhia (e continua a acolher) com generosidade, de que são exemplo as reuniões do Metanoia — Movimento Católico de Profissionais. Marcou-me como colega — no Departamento de Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O seu ensino e a sua investigação desafiavam o conformismo académico. O seu método de cruzamento inusitado de referências para gerar conhecimento, sem fechar discussões, era uma característica exemplar de um estudioso para quem o mundo era sempre algo por descobrir e por pensar. Estas duas facetas que com ele partilho, a de dominicano e a de professor universitário e investigador, eram nele um único modo de existir, sem que para tal precisasse de se apresentar como religioso quando lecionava ou fazia investigação. O frade dominicano irlandês Herbert McCabe escreveu que os dominicanos existem para pregar, «porque aquilo a que [se] dedicam, aquilo que a vida significa para [eles], é a exploração radical do que é ser humano, o que é ser um daqueles que se juntam e falam»<sup>10</sup>. José Augusto Mourão não fez outra coisa senão escrever com a vida, uma vida de oração, uma vida em comunidade, uma vida de estudo, uma vida de pregação, ou seja, uma vida de mistério onde as palavras e a Palavra constituíam o centro, ponto de partida, ponto de chegada, ponto de passagem. Haverá quem pense que ser pregador é transmitir certezas inertes, mas a obra de Mourão mostra como pregar é tão-só deixar o desejo de Deus falar e fazer dessa fala uma ocasião para um encontro iluminador.

Pouco depois do falecimento de José Augusto Mourão, o prior do convento, Fr. Filipe, mostrou-me um espaço gradeado numa cave desabitada. Era ali que estavam guardadas dezenas de estantes com a biblioteca do escritor, antes de ser catalogada e disponibilizada no Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) que ele dirigiu. Do estudo destes livros nasceram os escritos contidos na *Obra Seleta*, tecidos de diferentes referências, conceitos, interpretações, visões que a sua escrita punha em diálogo, da palavra ao texto. Assim, cada texto dele é também um convite a participarmos nos infindáveis diálogos em que o ser humano se decide. Ou como escreveu Llansol, «o que o texto tece advirá ao homem como destino»<sup>11</sup>.

**Sérgio Dias Branco**

NOTAS

- \* *Obra Seleta de José Augusto Mourão. O Vento e o Fogo, A Palavra e o Sopro, O Espelho e o Eco*, coordenação de José Augusto Franco, prefácio de Moisés de Lemos Martins, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Universidade Aberta/CIDH, 2017.
- <sup>1</sup> José Augusto Mourão, OP, *A Palavra e o Espelho*, Lisboa, Paulinas, 2000.
- <sup>2</sup> Idem, *Luz Desarmada*, Lisboa, Prefácio, 2006.
- <sup>3</sup> Idem, *ibid.*, p. 14.
- <sup>4</sup> Idem, *Quem Vigia o Vento não Semeia*, Lisboa, Pedra Angular, 2011, p. 7.
- <sup>5</sup> José Tolentino Mendonça, «José Augusto Mourão: O Combate e a Dança», in José Augusto Mourão, OP, *O Nome e a Forma: Poesia Reunida*, Lisboa, Pedra Angular, 2009, p. 10.
- <sup>6</sup> Cf. Óscar Lopes, *Os Sinais e os Sentidos: Literatura Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Editorial Caminho, 1986, p. 10.
- <sup>7</sup> José Augusto Mourão, *Sujeito, Paixão e Discurso: Trabalhos de Jesus*, Lisboa, Vega, 1996, p. 184.
- <sup>8</sup> Cf. Moisés de Lemos Martins, «Prefácio», p. 22.
- <sup>9</sup> Mikhail Bakhtin, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, trad. Paulo Bezerra, 4.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008, p. 340.
- <sup>10</sup> Herbert McCabe, OP, «On Being Dominican», *God Matters*, Springfield, IL, Templegate Publishers, 1987, p. 241 (tradução minha).
- <sup>11</sup> Maria Gabriela Llansol, *O Senhor de Herbais*, Lisboa, Relógio d'Água, 2002, p. 210.